

A NOITE É O FIM

Antônio Algarve

Era noite, numa rua deserta, na cidade de New York. O homem foi anavalhado num lado da rua, onde não havia casas e era pouca a iluminação.

Depois de atacá-lo o preto ajoelhou-se ao lado dele, tirou-lhe o anel e o relógio e rebuscou-lhe os bolsos até encontrar a carteira. E o homem, ferido de morte, deu-se conta de que nada podia fazer, ele que momentos antes era capaz de vencer o outro, se não tivesse sido surpreendido. Agora gemia, e os gemidos vinham do desespero da sua impotência.

Satisfeito com o que encontrara, o preto afastou-se, com um andar dançado, e ele ficou a morrer aos poucos, a cada pulsação mais perto do fim.

No momento em que fora atacado, pensara que estava levando socos na barriga, pois sentira o punho do homem bater-lhe uma vez e outra no ventre — era quando a faca entrava. Mas as forças faltaram-lhe de repente, as pernas deixaram de poder sustê-lo, e quando levou as mãos onde parecia que tinha fogo a queimá-lo, as mãos ficaram vermelhas, com a seiva da vida que se lhe escapava. Então soube que ia morrer, e lembrou-se da mulher e dos filhos, estas crianças ainda, lá longe no seu sítio, na chapada da Serra da Nogueira, no distrito de Bragança.

— “Que vergonha, quando a família souber que morri quando ia encontrar-me com uma mulher, e o falatório lá na terra, porque os outros hão-de contar...” — estava a lembrar-se do dia em que chegara ao apartamento, depois do

trabalho, e dissera para os dois homens que viviam com ele, gente do seu sítio:

— “Parece-me que desta vez é que consegui uma gaja!...” — e não cabia em si de contente. — “É uma mulata. Disse-me para ir a casa dela. Aqui está a direcção.” — E mostrou-lhes o papel em que ela escrevera: “98 110th Street.”

— “Isso é no bairro dos pretos...” — dissera um dos homens.

— “E isso que tem?!” — perguntara ele, afoito.

Agora ali estava, estendido no chão, com a vida a esvair-se.

A princípio raciocinava, comandava o seu pensamento. Lembrou-se dos dois mil dólares que tinha no banco, dinheiro que estivera juntando para se legalizar e poder trazer a família. Como é que esse dinheiro iria chegar às mãos da mulher? — perguntava-se. E veio-lhe à idéa que os seus conterrâneos, esses que viviam com ele, iriam mexer nas suas gavetas, e, quem sabe?, ficar com algo do que era seu.

Pensou depois que já não ia ter vida para ir ao Brasil, como havia tantos anos sonhava — era ele um rapazote. O pai do pai tinha sido muito rico em Corumbá, no Mato Grosso, não tinha ele nascido ainda, e o pai dele era uma criança, quando isso foi. Sendo aquilo que possuía já demasiado grande para ele gerir sozinho, o avô chamara de Portugal uns primos para que o ajudassem, e anos depois deu-se conta de que já nada tinha que fosse seu. Os primos tinham passado tudo para o nome deles, de convivência com chefes de repartições, e tinham comprado a Justiça da terra, ao ponto de ser perigoso alguém falar no assunto. E, quando voltaram para Portugal, riquíssimos, e foram morar em chalés que mandaram construir, cópias dos chalés dos chefes do Mato Grosso, espalharam o boato que o velho há muito tinha morrido, e que sempre fora pobre.

O ambiente em Corumbá era tal que durante muitos anos ele tinha mandado cartas ao cônsul de Portugal. cartas que pedira que lhe escrevessem, e o cônsul nunca tinha respondido.

Que a história era verdadeira atestava-o o Dr. Garrido, médico local, que sabia inglês e lera-a na revista *Collier's*, escrita por um jornalista americano que fora a Corumbá fa-

zer uma reportagem sobre a cidade, onde se vivia como no Far West, com tiroteios a todas as horas, e onde de manhã, antes de saírem as carroças do lixo, saíam outras para apanhar os cadáveres das vítimas dos tiros da noite anterior.

E agora o neto desse homem estava a morrer numa poça de sangue, numa rua do Harlem, nunca iria a Corumbá ver a sepultura dele, e jamais saberia que o avô tinha morrido fuimizado por um raio, durante uma trovoada, quando se abrigava da chuva, debaixo de uma árvore, havia poucos anos, já ele era um homem, e o cônsul não tinha dito isso.

O Malhado, que morava em Zoio, quando voltou, depois de uma vida inteira no Brasil, tão pobre como quando fora, dissera-lhe um dia:

— “Quando andei por Corumbá eu conheci seu avô... Os primos o roubaram, mas, seu moço, vosmecê não pôdi fazê nada agora. Isso já foi há muito tempo, já prescreveu, e mêmo antes não havia nada a fazê, quêlis compraram todo o mundo pra ficá calado. Teve tempo qui quem falassi nisso era baleado durante a nôiti. Você não conhêci Corumbá... Aquilo é terra de filhos das puta...”

Depois de perder mais sangue a sua mente deixou de ser controlada por ele, e as recordações vinham-lhe então como se estivesse vendo fotografias que alguém punha na sua frente. E viu outra vez as manhãs quando, em garoto, o pai ia acordá-lo, escuro ainda, para irem armar aos pássaros, pelos campos, com uma rede, e levavam um pintassilgo numa gaiola, que servia de chamariz. Voltou a cheirar o aroma do chouriço que o pai assava na brasa e entalava num quarto de pão, para comerem quando lhes desse fome. E lá iam para o campo, o pai com a rede a tiracolo, como os caçadores transportam a espingarda, e ele levava a gaiola, com muito cuidado, porque o pai lhe recomendava que não assustasse o pássaro. Foi este o único tempo em que houve alguma camaradagem entre os dois, e ele tinha oito anos.

Depois voltou a ver o pai morto, no meio da casa de fora, no caixão pobre, era ele já um rapazinho, e a mãe depois do funeral dissera-lhe:

— “Não penses que ele não gostava de ti... Olha que gostava. O ponto é que foi criado sem pai, por o pai ter ido para o Brasil quando ele era muito novo, e por isso não sabia como tratar com um filho. Não teve escola de pai. Compreendes?...”

Enquanto o pai fora vivo tinham-se amanhado mais ou menos, que ele era homem que pegava em tudo: trabalhava nos campos, de enxada, ajudava os animais nos partos difíceis e muitos lavradores não queriam outro para enxertias nas suas árvores mais mimosas. Mas depois da morte do pai a pobreza fora morar com eles. O que a mãe ganhava não era o suficiente, e a avó deitou-se a pedir esmola pelos casais de gente rica. À noite quando regressava a casa, a velha ia ao quarto dele, sabendo-o de estômago vazio, e acordava-o para lhe dar, de um canto da bolsa, algum bocado melhor das esmolas que recebera.

Em seguida veio-lhe à idéia o dia em que encontraram a avó morta, na serra, apanhada por um nevão. Estivera de cócoras muito tempo, debaixo de uma rocha, e, enrijecida pelo frio e pela morte, não conseguiram endireitá-la para a meterem no caixão, e ele não sabia já como a tinham enterrado.

Depois lembrou-se de que nunca se dispusera a aprender a tocar viola, o instrumento da sua paixão, e que o Marques barbeiro tocava tão bem, imitando André Segóvia.

Viu-se mais uma vez em Paris, quando estivera em França, e lembrou-se do tempo em que viveu num lugar a que chamavam Bidonville, e ele trabalhava com um tipo novo que andava sempre triste, e um dia disseram-lhe que tinha sido médico em Portugal. O pai estava na América do Norte, e ele pensara, durante todo o tempo de estudante em Coimbra, que estudava com o dinheiro que ele mandava. Mas, após a formatura, soube que a mãe era amante de um médico da cidade, e que fora este quem lhe pagara os estudos, porque o dinheiro do pai não chegava para tanto. Quando soube disto sentiu que não podia exercer a profissão que, para lhe dar, a mãe fora infiel para com o pai dele, que, cheio de vergonha, não mais fora a Portugal, e então fugira para França. Trabalhara com ele na fábrica de baterias, embebedava-se amiúde, e às vezes, nos outros cubículos, ouviam-no soluçar, no silêncio da noite.

Lembrou-se depois de quando tinha trabalhado na fábrica de caminhões em Newark, e todos os dias, na hora do almoço, as ratazanas saíam dos seus esconderijos e acercavam-se dos trabalhadores, gente da Serra da Estrela, e eles atiravam-lhes migalhas de comida. Algumas estavam já tão habituadas com eles que pousavam as mãos nas suas botas e olhavam para cima, de pescoço esticado, a pedir comer.

Depois houve uma cheia, um dia, e as ratazanas apareceram a boiar, inchadas com a água dentro delas, e eles não podiam reconhecê-las, assim, com o pêlo molhado, e ficaram tristes por uns tempos, sentindo a sua falta.

O homem tinha perdido agora quase todo o sangue que podia perder, mas ainda reviu a tarde em Paris em que fora com alguns companheiros visitar umas mulheres que eles conheciam, e ele, com o nervoso por estar fazendo uma coisa que há muito tempo não fazia, não fora capaz de terminar o que tinha começado, e viveu depois atormentado pelo receio de que os outros viessem a saber o que se tinha passado dentro do quarto, e julgassem que ele não era homem cem por cento.

Depois estava tão débil que estas imagens, que ultimamente lhe apareciam já muito esfumadas, desapareceram completamente, e de vez em quando passou a ver bolas de luz que corriam em frente dos seus olhos; e ele não sabia que eram as luzes dos automóveis, que passavam com gente que saíra das casas de espetáculos do centro da cidade. Estava agora demasiado fraco para se aperceber do que quer que fosse, e gemia, roucamente, baixinho.

Então as bolas de luz desapareceram por completo, e os seus olhos, abertos embora, já nada viam, porque se fez escuro dentro deles, escuro como numa noite eterna.

No outro lado da rua uma porta abriu-se e um casal de pretos saiu, ela muito gorda, pelo braço do marido, bamboleando-se os dois muito, e ele fumava um cigarro e o fumo não cheirava como o fumo dos outros cigarros. Atravessaram a rua, em direção ao carro que estava estacionado junto dele, e ao vê-lo a mulher soltou uma exclamação de susto, e para o marido, que a olhou admirado, ela disse:

— “É um homem branco, bêbado, deitado aqui...” — e, vendo no escuro o vulto de toda aquela sanqueira, disse: — “O chão está todo vomitado à volta dele...” — e, enojada, entrou no carro e bateu a porta com força.